



2019

O corpo é considerado o primeiro veículo de comunicação e expressão utilizado pelo ser humano para a produção, reflexão e análise do conhecimento. A obra  $\bigcirc$ , aqui descrita, deseja que o corpo do espectador seja atuante, provando-a.

A pele constitui a primeira versão de revestimento que o corpo traz, naturalmente, consigo. É uma estrutura orgânica sensível que “veste” o corpo, demarcando seu espaço interno|externo. É o ponto zero. Ponto e zero, como explana De Carli em *O Sensacional da Moda* (2002). O ponto na geometria tem a possibilidade de todas as linhas e formas. O zero da matemática é um vazio que contém a possibilidade de infinitos números positivos e negativos.

$\bigcirc$  é ponto.  $\bigcirc$  é zero.  $\bigcirc$  é corpo.  $\bigcirc$  é círculo.

O corpo que vive, se move; o corpo que cria, o corpo que dialoga entre o dentro e o fora. O corpo que se move, que dança, é um corpo político e pode abordar temas atuais e controversos, em seu movimento, tão multilaterais quanto infinitos pontos que compõem um círculo e retas que compõem um cilindro.

No corpo da artista, a dança nasce da mesma profundidade que as artes têxteis.

Michel Maffesoli, estudioso da humanidade contemporânea, afirma que a sociedade, o conhecimento, a ideologia, as verdades absolutas, as relações estão cada vez mais porosas. As fronteiras se esgarçam.

$\bigcirc$  deseja concretizar esta ideia de fronteira que se abre, que é porosa e maleável, que permite a entrada de luz por sua trama, seus poros. Intenta metaforizar o esgarçamento de um sistema encerrado em si mesmo, decorrente do uso de toda a particular flexibilidade e a falta de sustentação a que chegam as verdades absolutas, permitindo o aparecimento de aberturas, de frestas e retículos, de multiplicidade de verdades, cores e possibilidades individuais.

Para representar este ponto zero, a artista propõe base e topo estruturados que darão suporte a várias tramas em tricot, macramê, entrelaçamentos e costuras, a ponto de cobrir a superfície formada por dois círculos (superior e inferior) formando um cilindro com diversas passagens nos espaços de justaposição das malhas, além da transparência filigranada inerente ao trabalho têxtil. Desta forma busca criar um elemento cênico que lhe permita investigar o movimento de entrada e saída, numa analogia ao corpo, ao mostrar e|ou guardar para si, seus produtos, suas posições ideológicas, seus ideais. Por outro olhar, este corpo  $\bigcirc$  pode receber luz e informações externas, que o afetam, na mesma lógica da metáfora apontada por Maffesoli.

A obra pretende significar o homem poroso e contemporâneo, que permite a entrada de informações, que as digere e devolve ao exterior seus metabólitos, seus produtos, seus pensamentos, suas ações.

A tessitura fará as vezes da pele, marco que divide o mundo interior do universo ao qual a humanidade comunga. Servindo, por si só, como instalação que permite ao espectador testar sua própria porosidade, interagindo com a obra, ao colocar-se no seu interior, mais escuro, mas definido. Este corpo espectador torna-se protagonista ao penetrar a obra, tendo a oportunidade de refletir sobre suas próprias posições e ideologias.

A escolha da associação de tramas e malhas, em detrimento aos tecidos planos constituídos pelos fios de trama e de urdume, além da contribuição estética da multiplicidade de texturas, ancora-se na qualidade de adaptabilidade, de flexibilidade aos estímulos. Resiliência. Este conceito científico de física também é aplicado, sob sentido figurado, na área das ciências humanas. Em psicologia, a resiliência é a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas sem apresentar rompimentos emocionais, por encontrar soluções estratégicas para enfrentar e superar as adversidades.  $\bigcirc$  metaforiza, em sua poética, a necessidade demandada ao homem contemporâneo, de reestabelecer a forma original sem sofrer rupturas, expondo suas texturas originais e diversas, tornando-as aceitáveis socialmente e fazendo uso da qualidade da deformabilidade, da maleabilidade, da flexibilidade para autorregulação. A malha é a poesia da vida e do movimento. Estar vivo e estruturado significa, paradoxalmente, aceitar desestruturar-se constantemente, recriando o conteúdo que expõe a forma humana. Busca sustentabilidade social através do incentivo a fruição cultural, valorizando a reflexão e o questionamento, propondo bem-estar social e qualidade de vida às pessoas que fruírem da obra.

Através da utilização de fios e retalhos de tecidos disponibilizados como rejeito da indústria têxtil e malharias, reduzindo o desperdício e utilizando-o como material criativo, o trabalho se ancora no conceito de sustentabilidade ambiental, social e econômico. Num movimento futuro, a ser projetado pela artista,  $\bigcirc$  também ambiciona tocar o aspecto ecológico, quando relacionar-se a natureza, através de imagens de flores selvagens que porventura venham a ser projetadas sobre a tela|malha|pele e coreografia.